

resenhas





Olhares críticos sobre o novo cinema brasileiro

ROGÉRIO FERRARAZ

The New Brazilian Cinema, de Lúcia Nagib (Ed.). London; New York: I. B. Tauris (in association with The Centre for Brazilian Studies, University of Oxford), 2003. 296 p.

Resumo O livro organizado por Lúcia Nagib é uma das primeiras obras a apresentar um pensamento crítico a respeito do cinema brasileiro produzido a partir de meados dos anos 90, período conhecido como da retomada. Os diversos colaboradores brasileiros e estrangeiros, alguns deles entre os mais importantes teóricos e críticos da atualidade, traçam uma radiografia profunda desse cinema, analisando tanto sua conexão com o presente quanto suas raízes estéticas e culturais.

Palavras-chave cinema brasileiro, cinema da retomada, análise de filme

Abstract This book, edited by Lúcia Nagib, presents the first critical survey of Brazilian cinema produced from the mid-1990s, period that is known as the rebirth of Brazilian cinema. The several Brazilian and foreigner contributors of this book, some of them among the most important theorists and critics currently, make an in-depth radiography of that cinema, analysing both its connection with the present and its aesthetics and cultural roots.

Key words Brazilian cinema, rebirth of Brazilian cinema, film analysis

O retorno da produção e da circulação de filmes nacionais, a partir de 1994, não só possibilitou novamente o contato dos brasileiros com o cinema de seu próprio país, como também reacendeu todo um processo de pensamento crítico a respeito

do meio que havia, senão morrido, passado por um estado de coma histórico. O período, que ficou conhecido como o da retomada do cinema brasileiro ou o "cinema da retomada", trouxe vida nova tanto para a crítica diária quanto para as escolas de cinema, com seu perfil mais científico e acadêmico. Nessa nova onda, o mercado editorial também viu um espaço aberto, pouco explorado no final dos anos 1980 e começo dos anos 1990. Não por acaso, nestes últimos tempos, os leitores brasileiros acompanharam o lançamento de diversos títulos na área de cinema.

No entanto, poucas foram as obras a pensar de forma crítica a safra recente de filmes brasileiros. Dentre essas, uma das mais relevantes foi a que leva, justamente, o título de *O cinema da retomada*, de Lúcia Nagib (Editora 34, 2002). Como o próprio subtítulo – *depoimentos de 90 cineastas dos anos 90* – deixa explícito, trata-se mais de um livro de referência, cujo maior mérito é o de dar voz aos diretores, do que uma obra de cunho analítico.

Essa lacuna está sendo ocupada aos poucos. Porém, de todos os últimos livros a respeito do cinema brasileiro atual, o mais contundente foi lançado apenas no Reino Unido e nos Estados Unidos. Trata-se de *The new Brazilian cinema*, organizado também por Nagib. (Vale o recado: espera-se que, em breve, alguma editora compre os direitos e publique uma versão traduzida da obra no Brasil.)

O livro tem sua origem numa conferência, coordenada por Nagib, sobre o cinema brasileiro contemporâneo, organizada pelo Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford e realizada no Wadham College, também em Oxford, Inglaterra, em junho de 2000. A conferência, intitulada *Brazilian cinema: roots of the present, perspectives for the future*, foi acompanhada por uma retrospectiva do cinema brasileiro, patrocinada pelo Ministério da Cultura do Brasil, como parte das comemorações dos 500 anos da descoberta do país pelos portugueses. Vários dos textos contidos no livro foram originalmente apresentados como *papers* naquele evento. Alguns, no entanto, foram encomendados posteriormente por Nagib na tentativa de cobrir os tópicos mais relevantes sobre o cinema do período.

The new Brazilian cinema traz 16 textos de colaboradores brasileiros e estrangeiros, entre cineastas, administradores culturais, teóricos, pesquisadores e críticos de cinema. Os ensaios, divididos em sete partes, procuram abordar os mais variados aspectos, desde os ligados à produção e legislação, passando pelas relações entre cinema e sociedade e entre cinema e história, até as obras e gêneros específicos, que ganham análises detalhadas. Na introdução ao livro, Nagib lembra que, no início da retomada, a variedade parecia predominar, mas, depois de alguns anos, já é possível afirmar que muitos dos filmes recentes mantêm forte ligação histórica com o cinema brasileiro do passado e compartilham muitas características

e tendências.* Procurar compreender esse panorama foi o objetivo principal da obra. Segundo Nagib (p. xix), "*the aim of this book is to shed a critical light on these new tendencies and historical links*".

Na parte 1, *Producing films in Brazil*, duas visões distintas sobre a produção e o mercado de filmes brasileiros se completam: a do político e a do artista. José Álvaro Moisés, ex-Secretário Nacional do Audiovisual, faz uma espécie de prestação de contas do período, e Carlos Diegues, diretor de *Tieta* (1996) e *Orfeu* (1999), entre outros, analisa esse *boom* da produção, tecendo comentários sobre outros momentos de ressurgimento do cinema brasileiro. O cineasta, que já presenciou diversos ciclos nacionais, assume um tom mais pessimista, o que não o impede de sugerir sete medidas estruturais que poderiam, enfim, tornar o nosso cinema uma atividade permanente.

Na parte 2, *Fiction film and social change*, três autores analisam filmes de ficção recentes como expressões de fenômenos sociais mais abrangentes. Ismail Xavier levanta dois motivos recorrentes no novo cinema brasileiro, o "encontro inesperado" e o "personagem ressentido", vendo neles um sintoma de nossos tempos, o que serve para revelar o quanto esse cinema está ligado a uma sensibilidade contemporânea. Fernão Ramos assume outro tipo de postura, pois o que há, para ele, é a disseminação de uma espécie de "má consciência de classe", como observa, por exemplo, em *Cronicamente inviável*, de Sérgio Bianchi (2000), que, segundo Fernão, oferece ao espectador a identificação com uma postura, excluindo-o do universo que está sendo criticado e deixando-o, portanto, numa posição confortável. Visão completamente oposta à de João Luiz Vieira, que apresenta uma análise detalhada do filme de Bianchi, apontando-o como um dos poucos filmes políticos num mundo despolitizado e que rompe com diversas barreiras, como, por exemplo, aquela referente às fronteiras entre documentário e ficção.

É justamente dessas fronteiras que o primeiro texto da parte 3, *Documenting a country*, irá tratar. Amir Labaki fornece um rico panorama da produção atual, estabelecendo relações com a tradição documentarista do cinema brasileiro e mostrando como os limites entre essas duas formas de cinema estão se esvaindo cada vez mais. No outro texto dessa parte do livro, Verônica Ferreira Dias analisa o cinema de Eduardo Coutinho e seu método realista, centrando suas observações em *Santo Forte* (1999) e *Babilônia 2000* (2000).

* Vale ressaltar que Nagib (p. xxvi), no final de sua introdução, descarta a utilização da expressão "cinema da retomada" para os filmes mais recentes, pois, para ela, o cinema brasileiro já estabeleceu uma base regular de produção, contando, inclusive, com alguns sucessos de público.

A parte 4, *Sertão and favela: the eternal return*, é uma das mais ricas do volume, apresentando três ensaios que analisam como essas duas localidades tornaram-se as favoritas de nosso cinema desde a época do Cinema Novo e como elas reaparecem nos filmes atuais. O texto de Ivana Bentes levanta a idéia, já apresentada pela pesquisadora em outras ocasiões, da "cosmética da fome", aplicada ao novo cinema brasileiro, em oposição à "estética da fome", defendida por Glauber Rocha. Já Luiz Zanin Oricchio, num elucidativo texto que explica como o sertão tornou-se, de fato, o lugar preferido do nosso cinema, atenta para a diferença entre a abordagem desse cenário no Cinema Novo e a feita no atual, sem desmerecer, porém, os filmes recentes por serem "despolitizados", observando que cada fase específica de nosso cinema está intimamente ligada ao seu contexto histórico. Essa forma de enxergar o cinema de agora, relacionando-o às suas raízes no passado, mas compreendendo, antes de tudo, a conjuntura atual, também se faz presente no ensaio de Lúcia Nagib, que realiza uma análise profunda e detalhada do filme *O primeiro dia*, de Walter Salles e Daniela Thomas (1999), tendo como tema central a representação da favela.

A parte 5, *Screen adaptations*, conta com dois textos que analisam recentes adaptações literárias para o cinema. Stephanie Dennison escreve sobre os filmes *Traição* (vários diretores, 1998) e *Gêmeas*, de Andrucha Waddington (1999), adaptados de obras de Nelson Rodrigues, e Maria Esther Maciel analisa *Amor & Cia.*, de Helvécio Ratton (1998), baseado num livro cuja autoria é atribuída ao escritor português Eça de Queiroz.

A forma como a história social do país permeia a história do cinema brasileiro é o tema central da parte 6, *History and film history*. Robert Stam analisa como os índios foram representados em 100 anos de história do cinema nacional, partindo da leitura da minissérie *A invenção do Brasil*, de Guel Arraes e Jorge Furtado (2000), feita inicialmente para a televisão, mas que depois acabou sendo reeditada e lançada nos cinemas como *Caramuru* (2001). Lisa Shaw faz uma leitura do filme *For all: o trampolim da vitória*, de Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz (1998), tratando-o como um legado tanto das chanchadas brasileiras, quanto dos paradigmas hollywoodianos, em especial dos musicais realizados durante a Segunda Guerra Mundial. José Carlos Avellar também mergulha na história do cinema brasileiro, especialmente para diferenciar o que ele descreve, seguindo idéias de Pasolini, como o equivalente à "palavra falada", referindo-se ao Cinema Novo, e à "palavra escrita", referindo-se ao cinema brasileiro atual.

Na última parte do livro, *Epilogue*, Laura Mulvey reflete sobre várias questões levantadas ao longo do livro, tendo como interesse maior desenvolver um pensamento crítico sobre a história do Brasil desde o Cinema Novo e a própria história

do cinema brasileiro, buscando compreender os caminhos seguidos pelo país e por seu cinema, desde os anos 1960 até os dias de hoje.

Fica claro que os autores dos textos tiveram total liberdade para expressar suas opiniões, o que resultou, com freqüência, em pontos de vista divergentes em relação aos mesmos objetos de análise. Essa variedade de leituras não só ajuda a tornar ainda mais interessante o livro como comprova o quão rico e complexo é o nosso cinema. A própria organizadora do volume observa isso. Conforme Nagib, "*the engagement apparent in the expression of these different minds also shows how thought-provoking and inspiring new Brazilian Cinema has become*" (p. xix).

A organização coerente do livro, a escolha dos autores e dos temas, tudo isso colaborou para transformar o volume numa obra imprescindível para entender o novo cinema brasileiro. De forma geral, os filmes do período são vistos por olhares positivos, preocupados em compreender a obra e seu contexto, o que também torna a leitura mais prazerosa e engrandece o livro.

Não se trata, aqui, de fazer distinção entre visões otimistas e pessimistas sobre os filmes brasileiros recentes e optar por uma delas. Tanto as críticas positivas, quanto as negativas são válidas sempre, desde que fundamentadas e, em razão disso, pertinentes. Porém, a sensação que se tem muitas vezes é que certas análises, publicadas em jornais e revistas científicas, padecem de um saudosismo crônico e procuram apenas estabelecer rótulos depreciativos, acrescentando muito pouco para o entendimento e a compreensão do cinema produzido atualmente – que deve ser visto, antes de tudo, por sua conexão inerente com seu tempo. Afinal, se analisar o presente sem ter um olhar crítico "no" passado é um erro, falha pior é tentar entendê-lo com um olhar "do" passado.

Por sorte, das muitas qualidades do livro editado por Nagib, uma delas é não cair nessa armadilha, pois, ao final da leitura de *The New Brazilian Cinema*, percebe-se que poucos ensaios partem desse tipo de equívoco analítico e que a grande maioria dos textos selecionados busca, com precisão, as raízes estéticas, históricas e culturais desse novo cinema brasileiro para compreender suas opções e seu percurso dentro de uma nova configuração mundial e, portanto, a partir de uma nova sensibilidade e vivência.

ROGÉRIO FERRARAZ é jornalista, Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor do curso de Jornalismo da FIZO (Osasco/SP). Participou, como pesquisador, do livro *O cinema da retomada: depoimentos de 90 cineastas dos anos 90*, de Lúcia Nagib (Editora 34, 2002). rogerioferraraz@uol.com.br

Resenha recebida no primeiro semestre e aprovada em 20 de setembro de 2004